

## **Deuses seculares: religião da arte e ironia romântica em Álvares de Azevedo e Cruz e Sousa**

*Manuella Miki Souza Araujo*

### **Resumo**

O processo de secularização espiritual, desencadeado no Ocidente pelas revoluções políticas e industriais, motiva a elaboração da “religião da arte”, recorrente tradição moderna que atravessa o século XIX e elege a poesia como espaço remanescente e privilegiado para a meditação, contemplação e tentativa de criação de um centro interior, capaz de dar sentido ao sujeito engajado na invenção de seu destino: em outras palavras, o poeta enquanto criador secular de si mesmo busca significações para seu ser e estar no mundo. A encenação poética da criação reflexiva de si muitas vezes vem acompanhada do tema da peregrinação, alusiva ao processo de perambulação do poeta figurado como paradoxal sacerdote, sublime mistura de devoção, descrença e demonismo. A ambiguidade, polissemia e liberdade da linguagem poética apresentam-se como potência de vida em constante transfiguração diante do culto racionalista do sentido único, observado tanto no discurso dogmático da Igreja enquanto instituição, quanto na noção de verdade objetiva do cientificismo, ambas em embate ao longo do século XIX. Neste contexto, no qual a verdade ambígua da poesia parece não ter lugar, os artistas românticos procuram dialogar livremente com aqueles dois discursos e promover o reencantamento da realidade, na ânsia pela religião com o todo, de modo a vencer o vazio e o tédio da vida resumida ao cotidiano mesquinho. Os poetas simbolistas, por sua vez, cultivam a linguagem musical, hermética, mágica e sugestiva, na qual o refinamento cultural se entrecruza com as fontes primevas e ignotas dos subterrâneos do ser. A discussão abaixo tece considerações acerca da religião da arte no século XIX brasileiro a partir das poéticas de Álvares de Azevedo e de Cruz e Sousa, chamando a atenção para a figuração do poeta enquanto sacerdote moderno, cujo movimento peregrinante lhe permite representar a revisão da tradição literária e a revisão constante de seu papel e lugar no tempo presente.

### **Palavras-chave**

religião da arte; ironia, romantismo, simbolismo

---

1 Doutoranda em Literatura Brasileira – DLCV/CNPq, orientada pela Professora Dra. Cilaine Alves Cunha. E-mail: manuella.araujo@usp.br.

O tema da religião da arte atravessa a lírica do século XIX, do romantismo ao simbolismo. Pautado pela inclinação reflexionante, ele é mobilizado pelo poeta moderno em sua revisitação à tradição literária. A evocação da imagem do arqui-poeta mítico surge indissociada da persistente tarefa de reconsideração do lugar e do valor do poético, em crise na modernidade desencantada, regida pelo prosaísmo, mercantilização e voraz racionalização da vida (BÉNICHOU, 1992).

A formulação do conceito de religião da arte remonta ao culto estético e experimental do *Kuntsreligion*, cultivado no romantismo alemão. Wilhelm Heinrich Wackenroder apresenta na figura do monge amante das artes um exemplo de modelo ideal de artista e audiência. Dotado de disposição meditativa e sensível aos embates do sublime, seu monge-poeta é especialmente crítico ao “filisteísmo” burguês manifestado diante das forças fantásticas e misteriosas da existência (SAFRANSKI, 2010). Neste sentido, a concepção de religião da arte caracteriza-se pela defesa e legitimação da livre imaginação criadora e da autonomização artística, pois os românticos reclamam a validade do poético e do intuitivo como domínios constitutivos e fundamentais do humano, considerados por eles vias dignas de acesso ao conhecimento (NOVALIS, 2009).

A proposta estética de reaproximação simbólica das figuras do artista e do sacerdote não deve ser concebida como reposição ou reafirmação do dogma religioso tradicional, pois o artista moderno remete ao vate antigo justamente para assinalar, com aguda consciência e melancolia, a distância que os separa. Se a religião da arte é mobilizada como recurso à meditação e problematização da própria crise do poeta no seio da modernidade, ela revela no artista novecentista um filho do tempo histórico, cindido entre o *spleen* e o ideal, empenhado, simultaneamente, em uma crítica aos valores sociais vigentes, mas também em uma autocrítica a respeito de seu valor e lugar na realidade. Criador secular, o artista reivindica a livre conjugação da fantasia com a reflexão, valendo-se reciprocamente de ambas, sem negar a dignidade de uma ou outra.

Na poética de Álvares de Azevedo o poeta é figurado sob múltiplas máscaras irônicas, alusivas à tradição literária ocidental: ele é o profeta divorciado das multidões,

o frade demoníaco e libertino, o poeta mendigo, o pastor noturno, entre outros. Dentre seus narradores, dois deles são frades-poetas dedicados ao culto estético em *O livro de Fra Gondicário* e *O poema do frade*. Ambos destacam sua descrença em relação ao momento presente, segundo eles hostil à poesia, e sugerem que sua própria reclusão no espaço do convento decorre não de uma suposta vocação religiosa, mas da possibilidade de assumirem, ainda que precariamente, a figura do esteta. O espaço da igreja e dos mosteiros assume a função histórica de guardião das obras artísticas. Na temática da religião da arte são recorrentes as descrições da opulência e beleza das estátuas de santas e pedrarias como estímulos à fantasia criadora, observado por exemplo n'Os *elixires do diabo*, de Hoffmann (PRAZ, 1996). É também comum que as referências à atmosfera religiosa não se restrinjam apenas ao repertório cristão, desdobrando-se na livre mescla de variadas mitologias e panteões, de modo que a religião da arte e o orientalismo costumam aparecer associados, na tarefa de revisitação do poeta do século XIX à tradição literária. Ao repensar seu lugar no presente, ele busca na força original do poético, emanada de um tempo primordial, a revitalização da civilização moderna, entendida, em algumas vertentes de pensamento novecentistas, como uma etapa decadente e cansada da humanidade (SAID, 2007).

Embora almeje isolar-se no espaço simbólico do convento, o frade-poeta conserva dentro de si as contradições da realidade, manifestadas em suas obras permeadas de dúvida, ironia e desespero, nas quais se revelam não o olhar do missionário resoluto, mas do artista atento à beleza e à transgressão. Sob a máscara do monge, o poeta recria suas incontáveis mitologias particulares de modo a afrontar a tendência hegemônica à univocidade de sentido e ao monopólio da verdade, almejados tanto pelo dogma religioso como pela ciência novecentista (ROSEN, 2004).

Distante do céu, o poeta moderno preso à terra busca resgatar os vestígios de sua aura divina original na imagem do anjo caído. Destronado como Satã ou Prometeu, ele é criador secular, rival da palavra divina e da autoridade dos mitos modernos, encarnados na ciência positivista e no capital. A figura do arquiopoeta Orfeu é mais uma presença

constante no horizonte de referências da religião da arte, por personificar o poeta detentor da magia e do conhecimento secreto, cifrado em linguagem hieroglífica.

A ideia de religião da arte perpassa também as produções do simbolista Cruz e Sousa. Em suas composições de juventude, o jovem poeta de Desterro tematiza a crença na possibilidade de eternização de sua poesia do “Pensamento” por meio do talento e do cultivo da arte pura. Todavia, ele passa a questionar a validade do cientificismo em dar conta da realidade, bem como da possibilidade de transcendência espiritual e de superação das barreiras sociais no Brasil finissecular, que prometera a modernização do país e a emancipação da população no advento da República. As pretensões de monopólio da verdade e de universalidade do cientificismo, do mercado e da igreja são confrontadas com a estética sofisticada e a linguagem enigmática do poeta simbolista, que afirma o esvaziamento de sentido da História e de suas ideologias. Enigma de esfinge, o culto ao ignoto é explorado na poética de Cruz e Sousa, sobretudo na prosa de *Evocações*, identificado aos mistérios, ao “incognoscível”, ao primitivo e ao grotesco da “noite africana” (BASTIDE, 1979), na qual emerge a alteridade sinistra do poeta ideal e do Brasil republicano, oculta sob as luzes artificiais da *Belle Époque*.

Para além do cotidiano doméstico e bem regulado pela moral burguesa, o poeta moderno busca a terra ignota da arte, *terrae incognitae* da qual fala Baudelaire. Suspenso entre o *spleen* e o ideal, o poeta finissecular encena o próprio e trágico ritual de sacrifício e despedaçamento, no altar de sua paradoxal religião estética, profana e solitária. Na noite ignota de Cruz e Sousa, o poeta assume as máscaras de Prometeu acorrentado ou demoníaco deus negro: sacrificado, mas sobretudo sacrílego, rival da palavra divina, consciente de sua orfandade espiritual, ele preenche, sonhador, o vácuo do céu surdo e despovoado de deuses (RABELO, 2006).

Para Nietzsche (2007), o cientificismo e o dogma cristão coincidem no culto à violência do sentido único, próprio da tendência que o filósofo denomina “socratismo”, ou seja, a exacerbação do impulso apolíneo destituída de sua contraparte dionisíaca, tão essencial e constitutiva da vida quanto a outra. Diante dessa lacuna espiritual, a

lírica irônica do “incrédulo crente” (CUNHA, 2013) promove a sistemática e interminável operação de multiplicação e “reversão satânica” (RUFINONI, 1999) de significados e representações da realidade, no seio do ignoto reino do sonho e da poesia.

## Referências bibliográficas

AZEVEDO, Álvares de. *Obra completa*. BUENO, Alexei (org.) Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2000.

BASTIDE, Roger. “Quatro estudos sobre Cruz e Sousa”, in: *Cruz e Sousa*. Coletânea organizada por Afrânio Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1979. Coleção Fortuna Crítica, vol. 4, pp. 157-189.

BAUDELAIRE, Charles. “Projetos de prefácio”, in: *As flores do mal*. Tradução de Mário Laranjeira. São Paulo: Martin Claret, 2011, p.235-242.

BÉNICHOU, Paul. *L'école du désenchantement: Sainte-Beuve, Nodier, Musset, Nerval, Gautier*. Paris: Galimard, 1992, pp.30-36; 148-154; 175-179; 207-216.

CUNHA, Cilaine Alves. “Poema sem razão”, In: CAMILO, Vagner e CUNHA, Cilaine Alves (orgs). *Teresa: revista de literatura brasileira. Ruptura e permanência: história, estética e poéticas do Romantismo*. Universidade de São Paulo – n°12-13 (2012-2013). São Paulo: Ed. 34, 2013, pp. 430-454.

NIETZSCHE, Friedrich. *O nascimento da tragédia ou helenismo e pessimismo*. Tradução, notas e posfácio de J. Guinsburg. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

NOVALIS. *Pólen: fragmentos, diálogos, monólogo*. Trad., apresentação e notas de Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Iluminuras, 2009.

PRAZ, Mario. *A carne, a morte e o diabo na literatura romântica*. Trad. de Philadelpho Menezes. Campinas: UNICAMP, 1996.

RABELLO, Ivone Daré. *Um canto à margem: uma leitura da poética de Cruz e Sousa*. São Paulo: Nankin:Edusp, 2006.

ROSEN, Charles. “O vazio intenso: renascimento religioso no romantismo inglês, francês e alemão”, in *Poetas românticos, críticos e outros loucos*. Tradução José Laurênio de Melo. São Paulo: Ateliê Editorial; Campinas: Editora Unicamp, 2004, p.45-65.

RUFINONI, Simone Rossinetti. *A forma negra da morte* (um estudo do satanismo no poema em prosa de Cruz e Sousa). Dissertação de mestrado. São Paulo: FFLCH, 1999.

SAFRANSKI, Rüdiger. *Romantismo: uma questão alemã*. Tradução de Rita Rios. São

Paulo: Estação Liberdade, 2010, p. 177-190.

SAID, Edward W. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. Tradução de Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SOUSA, João da Cruz e. *Obra completa*. Organização e estudo de Lauro Junkes. Jaraguá do Sul: Avenida, 2008, 2 vol.

WACKENRODER, Wilhelm Heinrich y TIECK, Ludwig. *Efluvios cordiales de un monje amante del arte*. Valencia: KRK Ediciones, 2008.